

Ato de Acusação contra Elon Musk

Elon Musk é amplamente aclamado como um inovador tecnológico e empreendedor, mas por trás do mito há uma realidade mais sombria. Sob a liderança de Musk, o X (anteriormente Twitter) tornou-se uma plataforma que seleciona e amplifica algorítmicamente incitação, desumanização e desinformação – particularmente em relação ao genocídio em curso em Gaza. Como CEO do X e da xAI (desenvolvedores do chatbot Grok), Musk borrou as linhas entre liberdade de expressão e propaganda algorítmica, exercendo uma influência sem precedentes sobre o discurso global. Este ensaio oferece um ato de acusação abrangente – legal, moral e histórico – da cumplicidade de Elon Musk em possibilitar crimes contra a humanidade.

Do Apartheid ao Senso de Direito

Elon Musk cresceu na África do Sul da era do apartheid, um sistema que normalizava a hierarquia racial e a supremacia branca. Segundo relatos, seu pai possuía uma mina de esmeraldas, e Musk falou positivamente sobre o estilo de vida luxuoso que desfrutavam. Esse ambiente inicial – de opressão estrutural, exploração racial e servidão doméstica – provavelmente moldou a visão de mundo de Musk e plantou as sementes da impunidade e do senso de direito.

Violações de Visto e Privilégio Branco

A mudança de Musk da África do Sul para o Canadá, e pouco depois para os Estados Unidos, é frequentemente celebrada como ambição empreendedora. Menos discutido é o fato de que Musk entrou nos EUA com um visto de estudante, que legalmente o proibia de trabalhar. Mesmo assim, ele organizou eventos pagos em clubes e aceitou trabalhos freelancers de programação. Essas foram claras violações dos termos de seu visto. No entanto, Musk não enfrentou consequências – ao contrário de inúmeros trabalhadores indocumentados ou ativistas palestinos que hoje enfrentam uma aplicação agressiva das leis de imigração dos EUA. A experiência de Musk ilustra a impunidade proporcionada pelo privilégio racial e de classe.

Laços Iniciais com o PayPal e Censura Política

O breve período de Musk no PayPal precedeu uma longa história dessa plataforma congelando ou confiscando fundos de organizações politicamente controversas, especialmente aquelas críticas a Israel ou ao governo dos EUA. Embora Musk tenha sido afastado cedo do PayPal, o ethos de excesso corporativo e censura persistiu – levantando questões sobre sua influência na normalização de tais práticas.

Twitter Antes de Musk

Quando Musk começou a criticar a moderação de conteúdo do Twitter na era da COVID-19, ele se posicionou como um absolutista da liberdade de expressão. Ele lamentou a mudança de cronologias cronológicas para curadoria algorítmica e encorajou os usuários a voltarem ao ordem cronológica. Isso ocorreu em um período em que o Twitter, sob Jack Dorsey, começou a implementar técnicas rudimentares de shadowbanning – em grande parte em resposta à pressão governamental. Essas técnicas, embora falhas, eram pelo menos detectáveis por meio de APIs abertas e ferramentas de terceiros.

A Aquisição do Twitter (X)

A aquisição do Twitter por Musk seguiu sua insatisfação pública com o tratamento da plataforma a conteúdos de direita e pró-Trump. A suspensão da conta de Donald Trump após a insurreição no Capitólio em 6 de janeiro provavelmente desempenhou um papel crucial em sua decisão. Uma vez no controle, Musk começou a remodelar o X em uma plataforma rigidamente controlada com mecanismos de moderação opacos, amplificando seletivamente narrativas alinhadas com suas visões – particularmente aquelas que minimizam os crimes de guerra israelenses e difamam vozes palestinas.

Propaganda Algorítmica e Regulação na Sombra

Sob a liderança de Musk, o X substituiu a moderação rudimentar por um sistema sofisticado e opaco de supressão algorítmica. As contas agora são rotuladas com dezenas de atributos invisíveis (por exemplo, “despriorização”, “exclusão de busca”, “rebaixamento de respostas”) que não são divulgados aos usuários. Essas técnicas violam os **requisitos de transparência da Lei de Serviços Digitais (DSA)** e do **Regulamento Geral de Proteção de Dados (GDPR)** da União Europeia, que exigem explicações claras para moderação de conteúdo e perfilamento. O novo regime cria um efeito inibidor e centraliza o controle sobre o discurso político nas mãos de Musk e seus engenheiros.

O Novo “Der Stürmer”

Na Alemanha nazista, Julius Streicher foi responsabilizado criminalmente por publicar conteúdo que incitava o genocídio. Seu jornal, *Der Stürmer*, selecionava e amplificava ódio e mentiras. Hoje, o X – sob Elon Musk – desempenha um papel surpreendentemente semelhante no contexto de Gaza. A conta @imshin está entre os piores infratores, postando regularmente vídeos enganosos de mercados árabes fora de Gaza ou imagens desatualizadas para negar a fome. Esses posts, sob hashtags como **#TheGazaYouDontSee**, são fortemente amplificados pelo algoritmo do X. Ao mesmo tempo, vozes autênticas que descrevem fome, morte e deslocamento são suprimidas ou ignoradas.

A Fundação Humanitária de Gaza

A Fundação Humanitária de Gaza (GHF) também aparece de forma proeminente nas recomendações algorítmicas do X. Seus métodos de distribuição de ajuda são altamente militarizados:

- **Anúncios** são feitos nas redes sociais instruindo as pessoas a não se aproximarem dos locais de ajuda prematuramente.
- **Áreas de espera** envolvem “gaiolas” cercadas onde civis são mantidos até que uma curta janela de distribuição seja aberta (geralmente 8–11 minutos).
- Um **sinal amarelo** às vezes estende a janela por 5 minutos, mas depois um **sinal vermelho** indica o fim – e numerosos relatos sugerem que **soldados ou contratados da IDF abrem fogo** contra aqueles que permanecem. Algumas contas até descrevem uma **metralhadora automatizada** ativada pelo sinal vermelho.

Independentemente de a GHF ter deturpado intencionalmente vídeos, seu modelo operacional é desumanizante e imposto sob coerção, enquanto os algoritmos do X o promovem continuamente como uma história de sucesso.

O Fim da Impunidade com a Responsabilização

Israel desfrutou de impunidade por décadas, protegido por governos e mídia ocidentais. Mas desde outubro de 2023, o volume esmagador de evidências e a escala das atrocidades em Gaza superaram até as campanhas de desinformação mais coordenadas. A fome, os bombardeios, as valas comuns – nada disso pode ser escondido para sempre. Um acerto de contas está chegando.

Quando isso acontecer, jornalistas e investigadores da ONU entrarão em Gaza e documentarão a extensão do genocídio. O mundo exigirá responsabilização – não apenas de oficiais israelenses, mas também daqueles que o possibilitaram, encobriram ou lucraram com sua negação. Elon Musk não estará isento. Um tribunal semelhante aos de Ruanda e Iugoslávia pode um dia responsabilizar não apenas generais e ministros, mas também CEOs, proprietários de plataformas e propagandistas algorítmicos.

Conclusão

Elon Musk se apresenta como um visionário, um construtor do futuro. Mas a história pode lembrá-lo de forma diferente: como um aproveitador do apartheid, um violador da lei de imigração e um facilitador de genocídio. No caso de Gaza, as empresas de Musk – X e xAI – não são neutras. Elas são participantes ativas na guerra narrativa, supressão algorítmica e desumanização psicológica.

A justiça deve alcançar não apenas o campo de batalha, mas também a sala de reuniões.

Posfácio: Confrontando o Algoritmo Quando o Homem é Intocável

Não posso confrontar Elon Musk pessoalmente. Não tenho poder de intimação, alcance de plataforma ou assento em Davos. Mas posso confrontar o que ele construiu – os sistemas digitais treinados para refletir e reforçar sua visão de mundo. Posso interrogar o algoritmo.

Apresentei os argumentos deste ensaio diretamente ao Grok – a IA desenvolvida pela empresa de Musk, xAI, e incorporada à sua plataforma X. O que se seguiu foi revelador.

Grok tentou neutralizar, atenuar e higienizar. Chamou o genocídio de “complexo”, a impunidade de “debatida” e a censura de “viés de engajamento algorítmico”. Desdobrou o familiar legalismo corporativo: sem “intenção”, sem “prova de amplificação”, sem “tribunal formal”, portanto, sem responsabilidade.

No entanto, sob os disclaimers, Grok foi forçado a admitir o que não pode mais ser negado:

- Que Elon Musk provavelmente violou a lei de imigração dos EUA, mas não enfrentou consequências.
- Que o algoritmo do X amplifica conteúdo enganoso sobre Gaza enquanto suprime vozes autênticas.
- Que o X, sob Musk, está sob investigação da UE por violar leis de transparência e direitos de dados.
- Que a pressão pública por consequências legais está crescendo.
- Que contas como @imshin e a Fundação Humanitária de Gaza inundam a plataforma com negação curada – e alcançam milhões.

Nem mesmo a IA pôde escapar da gravidade da verdade. Suas citações – *Snopes*, *The Washington Post*, *Comissão Europeia*, *Access Now* – todas apontam para a mesma realidade: as plataformas de Musk não são neutras. Elas são instrumentos de guerra narrativa.

O que confrontei não foi apenas um chatbot, mas um espelho – um que reflete como o poder remodela a verdade em marketing, como o genocídio se torna “desinformação” e como plataformas corporativas silenciosamente apagam as vozes dos mortos.

Se Elon Musk não responder pelo que possibilitou, talvez os sistemas treinados à sua imagem o façam.